

Quero fazer contigo
o que a primavera
faz com as flores.

Pablo Neruda

se eu te amasse
escreveria poemas
pra você

se eu te amasse
reuniria os poemas
em um livro

se eu te amasse
o título do livro
seria o teu nome

DOR DE PAPEL

me abandone

te imploro

te peço

suplico

me abandone

que eu preciso sofrer

és minha obcesão

obsseção

obseção

obceção

obcesção

obscessão

obsesção

obsceção

obsessão

obscesão

obcessão

obsseção

obsessão

não dizer muito
que as palavras
para isso já não servem

no castelo vivia um poeta (inútil)
entre os guerreiros

o sonho do poeta (inútil)
era salvar alcina
enclausurada na torre

houve um ataque, uma luta,
e o poeta (inútil),
mais uma vez, se acovardou

o poeta (inútil)
tem as roupas ensanguentadas

mas com o sangue dos outros

alcina
não sabe amar

eu não sei
o que é o amor

o amor só atrapalha

que fale de amor
mas não fale de alcina

que fale de alcina
como quem diz
vou ali
escrever um poema

‘a gente
é tão feliz’

mata de inveja
qualquer poema

‘a gente
é tão infeliz’

a vingança
do poema

não escreve mais
eu te amo coisa e tal

é lindo
mas é clichê

faz um poema difícil pra mim

o meu amor
por ti acabou

a indiferença domina
o descuido impera
grassa a má vontade

cada um procura
um novo amor

que tal o meu?

eu, poeta?
poeta foi bandeira

versos derramados
palavras que jorram
um mundo de sentimentos

(meu seco verso espremido)

de gota em gota
esvazio o oceano
dos teus olhos

niki, vem pra cama

não posso

estou escrevendo
um poema erótico
pra você

todo amor
é amor próprio

amamos o amor

sem alcina
não haveria poesia

seria outro tipo de dor

ALCINA DE BURKA

mas
sem nada
por baixo

3 filhos
uma casa
várias vidas

30 filhos juntos
nenhuma casa
a vida dos outros

30 casas separadas
nenhum filho
vidas vazias

30 vidas
30 filhos
30 casas

30 anos juntos
e nenhum poema

CHEGANDO EM CASA

a pia
limpa

utopia

no princípio o precipício

fenda/rachadura/abismo

beijos trincados
outras fissuras

o verbo: alucinar

e ela, a deusa,
se fez carne

e a sua carne
me habita

um livro
sem paixão
é um livro
sem erros

sem eros

PROVA DE AMOR

se tudo é química
o que restou ao amor?

estudar química

$$\text{AMOR} = \frac{A + L + C}{I - N \times A}$$

pelos meus cálculos
nosso amor é possível

agora só falta
quem nos apresente

COMO PERDI ALCINA

estação da sé
segunda-feira 6 da tarde
metro de são paulo
mesmo vagão

ela saiu
por uma porta

eu por outra

RILKE JÁ DIZIA

alcina é tema difícil

escreva sobre o amor

o que seria
da poesia
sem os bancos
de praça?

crianças ruidosas
constelações
avenidas
hospitais
serão nomeados
em sua homenagem

nosso amor não

DOMINGO À TARDE

alcina fez um bolo,
eu quis comer

‘espera, ainda não passei
calda de chocolate’

fiz um poema pra alcina,
ela quis ler

‘espera, ainda não passei
calda de chocolate’

não preciso da poesia
tenho alcina

estamos aqui para fazermos
felizes aqueles que amamos

preciso de todos

eu, o louco
que tem medo
de enlouquecer

não imaginas
o que imagino

O QUE QUER ALCINA

não quer poema

quer atenção
abraço
carinho
amor
beijo
sexo

nessa ordem

o brasil é grande
mas o meu amor por ti
é bem maior

quero tudo

elogio sincero
abraço gostoso
frango assado
sexo selvagem

o amor é montanhoso
como conseguimos ficar em pé
quando nos beijamos?

you have
any fantasy?

be loved

as letras desejam
e assim as palavras se atraem
para compor o corpo do poema

que deseja outros poemas
para formar o corpo do livro
(livro é bom de pegar)

os livros se desejam
para criar bibliotecas
que são corpos imensos
que carregam tantos desejos
e por isso se incendeiam
tão facilmente

alcina, vem cá,
eu não morde

nem se eu pedir?

não gostou
dos poemas

não se viu neles

e se eu os escrevesse
com o seu batom
no espelho do banheiro?

VOYEUR DOMÉSTICO

alcina,
manda nudes

um livro
com meu nome?

tira

meu nome
nos poemas?

tira

aquele final feliz?

tira

que roupa?

VISÃO DO PARAISO

não posso?

you olha demais

ver é tocar
com os olhos

amar é...
alcina pedir água
e eu levar suco

passa um pano-de-chão
nesse amor opaco

estes versos rasos
que os olhos
atravessam a pé

andar sobre as águas
do teu olhar

é tudo culpa
do amor idílico,
adélia

o amor idílico
não faz ideia
do teor etílico
das letras em itálico

O QUE ME INSPIRA?

tuas ausências
minhas faltas

nossas carências

entre nós o amor
mas podia ser tecido,
ar, uma mão

entre nós crateras, muros,
desertos, ventos alísios, poemas,
oceanos de mágoas, delírios

todas as possíveis peles

poemas para
alcina! poemas
para alcina!

anunciei
aos quatro ventos

mas um quinto vento
- ciumento -
a todos apagou

VANTAGEM

aprendi com alcina
que casar
é deixar de sofrer sozinho
para sofrer junto

amor
e poesia
são como unha e carne

entre a unha e a carne
alcina

fala nela
mas não com ela
fala isso e aquilo dela
mas não fala
isso e aquilo com ela
olha pra ela
mas não olha
nos olhos dela

ama mesmo
ou só idealiza?
não reclama quando ela liga
'pode vir trocar o pneu
do meu carro?'

amor romântico
não troca pneu

‘quero o seu amor
só pra mim’

um coração desse
tamanho
como ocupá-lo?

‘sou grande’

escrever poemas
para escrever um nome

jk ou niemeyer? burle marx ou
lucio costa? athos?

alcina

te desejo, eu disse

ainda?

cada vez mais,
responde o tempo

cada vez melhor,
completa o amor
- se intrometendo na conversa -

finalmente te perdi
e a reconquista
se inicia

o território é o seu corpo
o inimigo a brutalidade
(alcina um dia me disse:
eu não sou só buracos)

minhas armas
sempre falham
nos campos de batalha
da alma

avanço mas abraço o vazio

sou aquele poeta
das soluções fáceis

estes são poemas simples
(ou impossíveis)

é o mínimo (e o máximo)
que posso fazer

sou aquele poeta
que escreve para ser lido
e entendido
- isso lá é poesia?

(quero dizer no poema
o que está escrito)

invejo a liberdade
dos outros poetas
(a inveja nos move)

minha poesia é a exposição
mais clara dos meus limites

sou aquele poeta
dos finais fáceis

alcina

CACOS NO CAOS

te abraço
tão apertado
que os pedaços meus
dentro de ti
se juntam

EM BRANCO

Dizem que Cézanne
quando certa vez pintou um quadro
deixando inacabada parte de uma maçã
pintou apenas a parte da maçã
que compreendia.

É por isso
meu amor
que eu dedico a você
este poema
em branco.

Ana Martins Marques

PRA QUE POESIA?

se no final
ela não se entrega

se não abre
o sorriso

se ela se guarda

o amor acontece
na alma

aí vem alcina
e traz o amor
para a superfície

bolha
que faz o ar
subir do fundo
do oceano

poemas de neruda
sonetos de petrarca
canções de lorca
vinicius, socorrei-me

bandeira, meu bandeira
o duro drummond
o lírico joão cabral
cecília, já escolhi meu sonho

quem salvará o poema?
dante ou francisco alvim?

todo teu
mas não tudo

teu para sempre
até ontem

completamente teu
mas faltando
um braço

teu, teu, teu, teu, teu
até você acreditar

o poema da sinceridade
pergunta:
te amo ou temo?

alcina
disso um dia me disse

‘ainda bem que
que temos
um ao outro’

pronto

outro poema

alcina tem seus segredos
(que nunca os revele)

para que assim
o manto sagrado
do seu amor secreto
nos envolva e proteja

alcina-pede-pele
pele-pede-poema

poema-pede-papel

papel-pede
pé-de-árvore

tronco-que-sou
te-dispo-cascas

a agulha procura
a veia poética
já perto do coração

toda vez que pronunciam
teu nome
perco sangue

só pra acordar
ao teu lado
e ver que você
já se levantou

só pra te dizer
eu te amo
e você fazer cara
de que acredita

só pra te ajudar
na cozinha 'vale mais
que mil poemas pra mim'

no forno
um poema
assa o desamor

O ESPANTO

diante da beleza
das formas do teu corpo
as curvas criadas
por niemeyer
são ângulos retos

BRINCANDO DE POETA

sem você
minha vida
não seria vida

seria só ida

AUTOBIOGRÁFICO

alcina cuida da casa
o poeta pensa no acaso

ela faz contas
eu faço de conta

ela entre notas fiscais
oh, efusões verbais!

pagar o boleto
ou protestar o soneto?

alcina no supermercado
escolhe o poeta
do superego fatiado

alcina resolve o problema
o poeta reescreve o poema

poesia primeiro
dinheiro depois

eu e alcina
catando letrinhas
(ou seriam moedinhas?)
no feijão com arroz

nada de grandes gestos
nada de flores
ou versos apaixonados

mas ir todas as manhãs
na padaria
comprar pão quentinho
pra você

nem que seja
só na imaginação

AMOR LÍQUIDO

sem beijo
as salivas se revoltam

boca desértica
língua de areia
lambendo tamanduás

quando nos beijamos
lagoas de desejos nos inundam
peixes se dissolvem
águas se liquefazem

eu quero é me afogar
nesse pântano de cuspe

tuiuiús tuiuiuum
sobre nossos lábios,
barrancos a desmoronar

jacarés mordem
nossas línguas

capivaras pastam
entre os dentes

irritantes garças bicam os céus
de nossas bocas

alto!
quem vem lá?

alcina

a real
ou a imaginária?

a real

volta!

posso ler
os poemas
que escrevi
pra você?

pode

de joelhos

o amor é desigual

dois pesos
duas mordidas

três abraços
algumas rejeições

quatro olhares
cinco carências

seis desejos
sete confissões

oito afetos
nove novas paixões

depois que você morreu
fiz novamente aquela viagem
pelas estradas de terra
do cafuringa
o mesmo roteiro

mas esperei chegar
a estação seca
quando a passagem dos carros
levanta muita poeira

para eu me lembrar
no que você se tornou

a primeira camada
do amor é esta:
refém do olhar

a segunda camada
do amor já tenta se esconder
sob a pele das palavras

a terceira
é quase sentimento

a quarta camada
são ondas de amor
pelo espaço-tempo

da quinta camada
em diante o amor
é um coração esponjoso

rocha arenosa, sedimentar

em sonho
alcina me disse
duas palavras fortes

acordei
e não anotei

não se esquecem
duas palavras fortes

não eram
te amo

altas horas
sob os lençóis
(trás-os-montes)
brancas colinas

os pés se tocam

ANTIMUSA

escreva

não me mostre

nunca publique

ALCINA,

© Nicolas Behr/2020

Design: Marcus Polo R. Duarte/Autor

Capa: Autor

Agradecimentos: Alcina Ramalho, Adriana dos Anjos, Ana Miranda, Ana Martins Marques, André Maciel, Beatriz Mom, Danielly Ramos, Francisco Alvim, Guilherme Mansur e Sérgio de Sá.

O último verso do poema da página 20 peguei emprestado do Cacaso.

paubrasilia@paubrasilia.com.br

www.nicolasbehr.com.br

Instagram - @nicolasbehr /

Facebook - nicolas.behr.71

Catálogo na Publicação (CIP)

Behr, Nicolas

B421a Alcina, / Nicolas Behr. – Brasília : Edição do Autor, 2020.
74p.

ISBN 9786500115376

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Amor.
I. Título

CDD: B869.1

Bibliotecária: Pâmela Bastos Machado CRB6/3070

Apoios: